

Apresentação

A fuga do real,
Ainda mais longe a fuga do feérico,
Mais longe de tudo, a fuga de si mesmo,
A fuga da fuga, o exílio [...].
(Carlos Drummond de Andrade, “Vida menor”)

É notório (e irrefutável) que literatura e história são disciplinas autônomas, cada uma soberana em sua relevância, atuando em seus campos específicos, com suas categorias e suas possibilidades discursivas particulares. Estabelecida essa premissa, podemos seguir adiante e levantar a seguinte indagação: se os modos de ficcionalização da história são produto tanto da esfera individual do sujeito quanto do contexto temporal em que esse mesmo sujeito se insere, quais seriam, nos dias de hoje, as tendências mais gerais dos processos de criação artística no que diz respeito à relação entre poesia e história? O século XIX foi, como é sabido, o século da história, período em que, sob a égide do historicismo, o mundo letrado tomou para si a tarefa de explicar uma sociedade que se industrializava em grande velocidade. A ideia de pretender tomar nas próprias mãos as rédeas da História, de explicar os fatos, glorificando-os, encontrou um amplo consenso no campo literário. Passado, porém, o ambicioso projeto romântico de confiança no humano (Victor Hugo); revogados os “estilos de época” e suas contingências; passadas as experimentações vanguardistas mais radicais – como aquelas promovidas, há cem anos, pelo movimento dadaísta, pelo surrealismo bretoniano e, no Brasil, pelos ideais modernistas da Semana de 22 – quais seriam,

hoje -- em nossos tempos midiáticos, ‘líquidos’ (Bauman), e de poesia *fast food* -- as marcas definidoras que garantiriam a fecundidade da poesia? De que natureza seriam as tendências estéticas que a determinam? Estaria a poesia apontando para um processo de esclerose da História? Para uma auto-suficiência visando ao esgarçamento, difuso e impreciso, do referente, ou a seu apagamento total, como queria há tempos atrás, Mallarmé? Ou estaria de tal modo desapontada da existência, conforme parecem sugerir os versos drumondianos em epígrafe, a ponto de desejar exilar-se do mundo? É claro que as indagações aqui feitas não passam de elucubrações que, além de genéricas, estão longe de abarcar o amplo campo de possibilidades estéticas. De todo modo, é um tema aberto a investigações, que, de uma maneira ou de outra, os autores e autoras dos trabalhos aqui reunidos procuram discutir, propondo novas perspectivas hermenêuticas, de crítica e análise de textos poéticos em seus diferentes contextos histórico-temporais.

Alfredo Cordiviola faz uma pesquisa documental rigorosa para discorrer sobre o sistema de práticas, normas, cenários e artefatos que paramentaram as cerimônias de aclamação de D. João VI, como Rei do Reino Unido de Portugal Brasil e Algarves. Unindo pesquisa historiográfica e análise detalhada da *Relação dos festejos* (1818), Cordiviola destaca seu caráter encomiástico e o uso reiterado da éfrase, detendo-se em uma forma poemática – a ode. Nesse contexto celebratório, destaca, em uma das odes analisadas, “a cornucópia da natureza brasileira, definida mediante gêneros epítetos como “plaga nova”, “plaga majestosa”, “país abundosos”, “rica terra”. Tal exuberância de adjetivos nos conduz também ao tópico da natureza, erigida como uma espécie de patrona *ad hoc* de nossa literatura. Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) era um, dentre tantos, que acreditava que a descrição paisagística revelaria a identidade estilística do país, ideia, aliás, refutada por Machado de Assis no conhecido ensaio “Notícias da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”.

Em “A fome de Ferreira Gullar”, Roberto Sarmiento Lima toma, como ponto de partida para seu trabalho analítico, exatamente a silva “À ilha de maré”, do escritor seiscentista mencionado; examina a presença das frutas—esses elementos matriciais da natureza tropical, caros aos escritores brasileiros, de Botelho a Hatoum –, e se detém na especificidade que a fruta assume (a pera, em particular) no arranjo formal de Gullar. Para Roberto Sarmiento Lima, enquanto “a sintaxe e a melodia” dos dois escritores acima mencionados guardam um “sabor nativista (inclusive no mau sentido que esse termo pode ter)” próximo a “um folheto turístico”, o poeta maranhense dialetiza a relação entre a pera (alimento poético) e o real (a podridão do mundo).

Maria Manuela Santos nos traz pertinentes considerações a respeito das “ineses” de *Invenção de Orfeu*, mostrando como, em sua arqueologia poética, Jorge de Lima distorce a Inês de Castro, reconfigurada por Camões – e consagrada pela historiografia – para construir a Inês de seus sonhos, que “não se confunde nem com a tradição nem com a memória”.

Em uma reflexão original, Virgínia da Silva Santos mostra como, ao estabelecer uma interlocução com o painel de “São Vicente de Fora”, de Nuno Gonçalves (1455), Jorge de Lima termina, de alguma maneira, subvertendo o referencial imediato (o painel), e os decantados feitos históricos. Para a autora, o poeta alagoano contradiz a história narrada no painel, visto que, na superfície imagética do poema, duas isotopias se confrontam: a isotopia da celebração e a da derrota.

Em “Pessoa em devir: a escrita no grande tempo, o sujeito num único e múltiplo espaço”, Moisés Carlos Amorim e Diego Pinto Sousa retiram o poeta Fernando Pessoa de seu repertório crítico habitual e, partindo de suas configurações imagéticas, examinam, fundamentados na filosofia bakhtiniana, os processos de “cronotopia (convivência de temporalidades no tempo/espaço) e exotopia (articulação de espaços no processo de criação verbal)”, tanto em Pessoa (ortônimo) quanto em seus heterônimos (Reis, Caieiro e Campos). No poema “A ceifeira”

detectam, no eu lírico, uma “consciência (pesada e triste) “ e uma “inconsciência (satisfeita e alegre)”, tensão que revela, no vate português, “uma incompletude e [uma] insatisfação existencial pertencentes a uma identidade vária e movediça”.

Priscila Tenório Santana Nicácio focaliza um dos *sonetos impuros* (*impuros* por infringirem a ordem normativa do soneto) do poeta contemporâneo alagoano Fernando Fiúza, intitulado “Rio perdido”. No plano explícito da realidade, o rio, cujo fluxo foi alterado pela precária e intempestiva modernização da cidade, é, também, a simbólica figuração da memória.

A poética de R. S. Thomas é objeto do estudo de Fabrício Tavares Moraes, cujo título, aliás, aponta de imediato para os dois elementos estruturadores da arte do poeta galês: o *Deus ex machina* (o Deus que jamais se revela) e o *Deus absconditus* (o Deus luteriano que se oculta). Esses dilemas líricos perpassam a poética ambígua de Thomas, para quem, segundo o autor, “o homem é uma espécie de ponto de convergência entre a “eternidade” e as vicissitudes da história, os eventos mais corriqueiros e cotidianos”.

O trabalho “Camões em solo tropical: auto-imagem do escritor e a autonomia literária no Brasil pós-independência”, de Débora El-Jaick Andrade, é uma pesquisa cuidadosa, fruto de sua tese de doutorado, sobre um momento histórico preciso, de fecunda atividade literária no Brasil (indicado no subtítulo) e em cuja linha de frente militavam Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre, co-fundadores da revista *Niterói*. Como o processo interativo entre poesia e história escora-se na ideia de nação, a adoção do manancial poético e biográfico de Luís de Camões, lembrado pelo seu conterrâneo Almeida Garret, serviu de inspiração para os brasileiros acima citados, e, conseqüentemente, para o programa poético que por aqui se forjava.

Na seção dedicada a outros estudos, temos o ensaio de Maribel Parra Dominguez, sobre *El siglo de la luces*, *El reino de este mundo* e *Ecue-*

Yamba- O, de Alejo Carpentier. Para a autora, o pensamento literário de Carpentier se inculca na confluência de fatores estético-ideológicos que fundamentaram o empenho libertário: a maçonaria ilustrada e as práticas rituais caribenhas. Marco Aurélio de Souza e Silvana Oliveira, em análise rica e detalhada, consideram que “Linhas de vida, linhas do romance: uma percepção rizomática de *Amar-te a ti nem sei se com carícias*, de Wilson Bueno, estrutura-se de forma alusiva, hesitante, apresentando-se como um rizoma de linhas, linhas de incertezas entre o que se sabe e o que apenas se pressente. Finalmente, Mylène-Herry destrinça os dois discursos que constituem o núcleo conflituoso do romance do peruano Alonso Cueto, intitulado *La hora azul*: o do amo e o do escravo.

Agradecemos aos/às que colaboraram neste número da revista *Leitura* e, especialmente, a Letícia Malloy, André Tessaro Pelinser e Vítor Cei que gentilmente nos cederam suas entrevistas feitas com Mônica de Aquino e João Claudio Arendt, dois grandes nomes da literatura brasileira contemporânea. Nelas, Aquino e João Arendt discorrem sobre a palavra poética, sobre seus processos criativos particulares e sobre o debate artístico na atualidade. Um convite à reflexão, portanto.

Gilda Vilela Brandão
Fernando Fiúza Moreira